

Vôôôte! Experimento de jornal-mural à luz da epistemologia de Paulo Freire

Vôôôte! Wall newspaper experiment in light of Paulo Freire's epistemology

Vôôôte! Experimento de periódico mural a la luz de la epistemología de Paulo Freire



Thiago Cury Luiz

Doutor em Educação e professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

thcluiz@gmail.com

Recebido em: 20/10/2020

Aceito em: 28/02/2021

DOI: 10.46952/rebej.v10i27.412

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência colaborativa na produção do jornal-mural *Vôôôte!*, planejado e desenvolvido por estudantes de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, no âmbito de duas disciplinas do curso: Planejamento Gráfico em Jornalismo e Editoração e Planejamento Gráfico. O método empregado para a elaboração do periódico está calcado nos conceitos de educação popular de Paulo Freire, sob a qual as propostas são concebidas coletivamente de modo a cada parte integrante do processo oferecer uma contribuição do ponto de vista gráfico, textual e narrativo. Identificamos que o trabalho colaborativo permite que o jornal apresente nuances entre as edições, mesmo se tratando de um produto jornalístico de apenas uma página.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal-mural. Editoração. Paulo Freire. Ensino de Jornalismo.

ABSTRACT

The objective of this work is to reporting the collaborative experience in the production of the wall newspaper *Vôôôte!*, planned and developed by Journalism students at the Federal University of Mato Grosso, Cuiabá campus, within the scope of two course subjects: Graphic Planning in Journalism and Editing and Graphic Planning. The method used to prepare the journal is based on the concepts of popular education by Paulo Freire, under which the proposals are collectively conceived so that each part of process offers a contribution from a graphical, textual and narrative point of view. We identified that collaborative work allows the newspaper to present nuances between editions, even if it is a journalistic product with only one page.

KEYWORDS

Wall newspaper. Publishing. Paulo Freire. Journalism teaching.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es dar a conocer la experiencia colaborativa en la producción del periódico mural *Vôôôte*, planificada y desarrollada por estudiantes de Periodismo de la Universidad Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá, en el ámbito de dos asignaturas del curso: Planificación Gráfica en Periodismo y Planificación Gráfica. El método de elaboración de lo periódico se basa en los conceptos de educación popular de Paulo Freire, bajo los cuales si conciben colectivamente las propuestas para que cada parte del proceso ofrezca un aporte desde el punto de vista gráfico, textual y narrativo. Identificamos que el trabajo colaborativo permite que el periódico presente matices entre ediciones, incluso si es un producto periodístico de una sola página.

PALABRAS CLAVE

Periódico mural. Publicación. Paulo Freire. Enseñanza del periodismo.

1 INTRODUÇÃO

Em retrocesso, a concepção do jornal-mural nos remete ao campo da comunicação organizacional, que identificou neste formato uma possibilidade de mediar o “processo de relações internas” (MARCHIORI, 2010, p. 3). Em paralelo às redes informais de circulação de informação, o jornal-mural, assim como a intranet, *newsletter* e boletim, surgiu como dispositivo comunicacional entre gerência e funcionários na ambiência empresarial.

Em perspectiva, o intuito deste trabalho é relatar a experiência forjada em sala de aula acerca da produção do jornal-mural Vôôôte!¹, por meio de duas disciplinas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá: Planejamento Gráfico em Jornalismo (carga horária: 72 horas/semestre) e Editoração e Planejamento Gráfico (carga horária: 32 horas/semestre). A primeira figura como componente curricular de Comunicação Social/habilitação em Jornalismo, currículo em extinção, enquanto a segunda integra a matriz curricular de Jornalismo, curso em implementação.

Tanto uma como outra têm o pressuposto de elaborar o jornal-mural como produto final da disciplina. A ideia que tangencia o experimento é permitir que os estudantes debatam entre si a concepção de uma produção jornalística, além de viabilizar, no âmbito da prática, os componentes gráficos de um jornal, como design e diagramação. Como os próprios discentes da disciplina discutem também a pauta, a narrativa e produzem os textos, a interdisciplinaridade com componentes curriculares de redação jornalística e teorias da comunicação também compõe, ainda que como pano de fundo, a confecção de Vôôôte!

Assim, identificamos uma justificativa central acerca do desenvolvimento da disciplina e, conseqüentemente, da produção do jornal: o trabalho coletivo e de constante debate resgata a tradição jornalística das reuniões de pauta e confere ao processo pedagógico mais autonomia ao estudante. Esta dinâmica está em consonância com a concepção freireana (2018b) do “ser-mais”, segundo a qual o indivíduo, ciente do fato de ser uma obra incompleta, pode ir além.

O conteúdo das disciplinas é dividido em três unidades, as quais serão detalhadas na seção “desenvolvimento”: teórica, analítica e prática. A primeira consiste na exposição e reflexão do eixo epistemológico acerca das questões gráficas, como tipologia, uso de cores e diagramação; a segunda apresenta um conjunto de atividades, cujo objeto de análise são jornais e revistas (locais, nacionais e internacionais), com vistas a identificar as pertinências e incoerências dos aspectos gráficos de acordo com a epistemologia; e a terceira compreende a atuação dos estudantes em *software* de editoração (*Pagemaker* e *Indesign*), produzindo modelos e criando projetos, dentre eles o Vôôôte!

¹ O nome do jornal foi concebido pela turma que produziu a primeira edição, em 2014. Ele se apropria de um termo da cultura popular cuiabana, uma interjeição pronunciada quando alguém se surpreende com alguma situação. Dessa forma, como a vogal “o” de “Vôte” é alongada em função do espanto com que alguém observou uma ocorrência ou testemunhou um depoimento, o nome do jornal capta a exata pronúncia de uma expressão tipicamente cuiabana.

O jornal é desenvolvido desde o segundo semestre de 2014, e já soma 12 edições (a última delas no semestre letivo de 2019/2, finalizada em março de 2020). Em função da pandemia de covid-19 e de uma flexibilização parcial dos componentes curriculares do curso de Jornalismo usando tecnologias digitais de informação e comunicação, a disciplina Editoração e Planejamento Gráfico (3º semestre do curso) está sendo ofertada em 2021, visando à produção da 13ª edição do periódico. Já Planejamento Gráfico em Jornalismo, neste processo de implementação do curso novo, foi concluído no segundo semestre de 2019, com a extinção do 5º semestre do curso.

O problema que guia a nossa atuação em sala de aula e o próprio relato desta experiência é: com o uso do trabalho colaborativo e da concepção pedagógica dialógica e democrática, torna-se mais factível a elaboração de um produto jornalístico que cumpra o seu papel de informar e, ao mesmo tempo, represente os anseios de quem o elabora? A hipótese hegemônica aponta para a veiculação de um periódico em sintonia temática, narrativa e gráfica com as pretensões dos que o materializaram justamente porque a construção se deu em base dialógica. "A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A *com* B, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2014, p. 116, grifo do autor).

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia que ampara os três momentos da disciplina é inspirada em Paulo Freire (2013; 2014; 2018a; 2018b). Compreendendo que a educação não se manifesta em movimento unilateral e na troca de saberes entre estudantes que detêm, cada qual, uma fração do conhecimento, a participação dos discentes é procedida de forma ativa nos três eixos que demarcam a disciplina, de modo a se aprofundar à medida que o conteúdo teórico é esgotado e na iminência da produção do jornal. Por isso, como preconiza Freire (2013, p. 25),

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Em outros termos, para a idealização, planejamento e desenvolvimento da próxima edição, a turma responsável por ela se debruça sobre as produções anteriores e, com base na teoria debatida e nas análises de casos realizadas, projeta a edição vindoura. A iniciativa permite que os discentes compreendam quais elementos devem ser mantidos para a caracterização do jornal, quais componentes podem permanecer e quais características serão suprimidas na nova edição. Isso porque, na teoria dialógica da ação, não há "um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a *pronúncia* do mundo, para a sua transformação" (FREIRE, 2014, p. 227, grifo do autor).

Dessa forma, com a turma dividida em grupos e já com a pauta (tema e enfoques), cada time esboça a edição da qual é responsável, apresentando os aspectos gráficos como tipo de fonte, tamanho, tonalidade, uso de cores complementares ou

análogas (círculo cromático), número de colunas fixas ou combinadas (diagrama/grade) e orientação (vertical ou horizontal). Ao final das exposições, o papel do docente é, em caráter de mediação, agregar a um *layout* final as melhores virtudes de cada proposta, mantendo o debate aberto para ratificações e dissidências, sem que o produto derradeiro seja uma manifestação parcial do coletivo. Conforme Freire (2013, p. 87),

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso", mas um "pensamos" que estabelece o "penso", e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação.

Do ponto de vista da coleta de dados, a observação do ambiente de sala de aula durante os seis últimos anos (2014-2020) é o procedimento mais relevante para identificar o jornal-mural como objeto deste relato. Em comunhão, as anotações dos diagnósticos levantados semestre a semestre também são de elevada contribuição ao desenho das disciplinas, às dinâmicas de trabalho e à produção de Vôôôte!. Por fim, o acervo da publicação é outra baliza metodológica que confere a este estudo de caso (DUARTE, 2009) a viabilidade de sua execução. As unidades de análise (DUARTE, 2009), portanto, são as 12 edições que figuram em seu acervo.

Nesse sentido, o trabalho em tela está estruturado de modo a apresentar, nesta seção, os aspectos mais importantes que circundam o jornal-mural, como histórico, organização das disciplinas e aspectos metodológicos; na seção seguinte (desenvolvimento), discutiremos os três eixos – teórico, analítico e prático – que compõem as disciplinas, com destaque para os procedimentos de concepção, discussão, elaboração e circulação do conteúdo jornalístico de Vôôôte!, vinculados aos marcos conceituais da literatura consagrada. Posteriormente, faremos as considerações finais, sintetizando as discussões e sugerindo caminhos com base na nossa experiência pedagógica.

137

2 DESENVOLVIMENTO

Esta seção se reserva a apresentar, em profundidade de detalhamento, o processo de construção do jornal-mural Vôôôte!, no âmbito das disciplinas Planejamento Gráfico em Jornalismo e Editoração e Planejamento Gráfico, desde a definição conceitual dos aspectos importantes relativos a *design* e diagramação até a finalização do experimento jornalístico.

Cada um dos três tópicos desta seção versará sobre uma unidade de ensino da disciplina, compondo ao final o desenho geral do conteúdo programático desenvolvido em sala de aula. É importante pontuar que esses fracionamentos não são estanques, estando os eixos em interação ao longo de toda a realização da disciplina.

2.1 EIXO TEÓRICO

O primeiro terço da disciplina é destinado ao conteúdo teórico, na tentativa de compreender o percurso epistemológico que é necessário colocar em discussão para o posterior desenvolvimento do jornal-mural. Na ambiência universitária, ponderamos que o aprendizado emerge na discussão dos conceitos, tendo no campo prático uma das alternativas para aprimorá-los, sem rechaçar a reflexão. Paulo Freire (2013, p. 47) ressalta que “se a teoria e a prática são algo indicotomizável, a reflexão sobre a ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou a prática) não é verdadeira”.

O ordenamento dispensado a este texto é idêntico ao disponibilizado pelo plano de ensino da disciplina. Começando pelo estudo das letras, entendemos que a escrita é elemento central no jornalismo. Atrelado a isso, há a necessidade de optar por fontes que dinamizem a leitura, sem que provoque cansaço no leitor. Neste caso, os tipos podem ser enquadrados em cinco famílias de fontes, quais sejam: romana, lapidária ou bastão, egípcia, cursiva e gótica. Sobre a tipologia, Collaro (1987, p. 20) discorre que “todo projetista gráfico deve ter, pelo menos, conhecimento básico para executar tal tarefa”. É preciso destacar ainda que a elevação do comércio de periódicos aumentou a preocupação quanto à forma dos caracteres (COLLARO, 1987).

A tipografia tem como objetivo básico comunicar uma informação por meio de letra impressa. O termo foi empregado pelos chineses desde o século XI, até a invenção da imprensa propriamente dita, no século XV, por volta de 1441 através de Gutenberg, quando teve a feliz ideia de substituir tábuas xilográficas por tipos móveis com caracteres gravados em madeira. (SILVA, 1985, p. 71)

138

Enquanto as fontes das famílias cursiva e gótica são dispensáveis no âmbito do jornalismo, pois possuem baixa legibilidade, as outras três, em níveis gradativos, apresentam virtudes que as credenciam para uso nas páginas de jornais e revistas. As fontes da família egípcia são adequadas se utilizadas em quantidade de texto reduzida, em função dos seus traços regulares. Assim, as fontes da família lapidária, como é o caso da Arial, e da família romana, cujo exemplo maior é a *Times New Roman*, adequam-se às funções de escrita e leitura no jornalismo.

Define Erbolato (1981, p. 19, grifos do autor) que “os caracteres do grupo romano distinguem-se por terem *traços finos e grossos* e pela existência de *serifas*. O romano, também chamado *tipo comum*, se subdivide em *romano antigo* e *romano moderno*”. Em concordância, lembra Collaro (2007, p. 5) que os tipos egípcios e lapidários “aparecem como opção e evolução para os novos tempos, mas os clássicos e românicos ainda são imbatíveis quanto à legibilidade, que é a capacidade de ser lido no menor espaço de tempo”.

O benefício da família romana na comparação com as letras lapidárias está calado em duas virtudes: [i] variação na espessura das hastes e demais contornos da letra; e [ii] serifas triangulares. Esses dois componentes, que figuram de forma mais sutil nas fontes da família lapidária, conferem a *Times New Roman* e suas similares adequação ao *design* de produtos jornalísticos, pois pela variabilidade de seus traços,

não cansam a atenção do leitor. Williams (1995, p. 75) propõe que “os designs visualmente interessantes que costumam atrair sua atenção têm, em geral, bastante contraste e os contrastes são enfatizados”.

O segundo item do conteúdo teórico é relativo às cores. Elemento central no projeto gráfico de um produto jornalístico, as cores podem variar entre quentes (vermelho, amarelo e laranja) e frias (verde, azul e violeta), sendo a combinação interna de cada grupo definida como cores análogas. Na medida em que cores frias são combinadas com quentes, referimo-nos a cores complementares, segundo a lógica do círculo cromático. Nos dizeres de Collaro (2007, p. 21), “o domínio desse conceito é fundamental para operacionalizar cores, tanto técnica como psicologicamente, pois as cores complementares são as que causam mais contraste quando combinadas (mas não misturadas)”.

A dinâmica de cores, que é conduzida à produção do jornal, respeita os fatores de intensidade e proporção necessários à construção de páginas que privilegiem o texto jornalístico, evitando a dispersão ou mesmo a recusa por parte do leitor de prosseguir na página. Dessa forma, é indicado utilizar com parcimônia as cores quentes, em função da frequência e do comprimento de onda, reduzindo a intensidade, caso a proporção seja elevada; ou ponderando a proporção, se as cores ganharem tons mais fortes. Sobre isso, Collaro (2007, p. 19) afirma que

O comprimento de onda mede a distância entre duas cristas sequenciais de uma onda eletromagnética, e a frequência mede a vibração de determinado comprimento de onda no tempo de um segundo. Dependendo do comprimento de onda e de sua frequência, essas propagações vão sensibilizar o cérebro humano com maior ou menor rapidez.

139

O último componente do conteúdo teórico se refere à diagramação em jornais e revistas. Aqui, trabalhamos com a ideia de diagrama ou grade, que consiste no estabelecimento de um número de colunas que servirá de parâmetro para a disponibilização de argumentos textuais e imagéticos na página. Para Silva (1985, p. 41, grifos do autor), a palavra ‘diagramação’ “é resultante da palavra *diagrama*, do latim *diagramma*, que significa desenho geométrico usado para demonstrar algum problema, resolver alguma questão ou representar graficamente a lei de variação de um fenômeno”. Desdobrando o conceito, Collaro (2007, p. 33) expõe que “ao planejar uma publicação, esses diagramas podem ser desenhados livremente, tendo como critério a atratividade que devem conferir à publicação (...)”.

Assim, o número de colunas instituído pode se configurar em um arranjo aparente, fazendo com que um diagrama de seis colunas, por exemplo, confirme a alocação de texto e fotos de forma a respeitar essa divisão, ou manifestando-se de modo latente, com a combinação de colunas, fazendo com que as larguras sejam variáveis com a combinação das três primeiras, depois das duas seguintes, ficando apenas a sexta isolada. Neste caso, temos uma diagramação mais dinâmica, móvel, em contraponto à fixa discriminada anteriormente. “Os softwares possibilitam infinitos recursos para a divisão da página em colunas de várias larguras. É utilizando esse recurso que conseguiremos a variação de forma no decorrer do texto que tornará a leitura de nossos textos estimulante” (COLLARO, 2007, p. 33).

A escolha do diagrama e da adesão a uma combinação entre colunas deve levar em conta o quão larga ou estreita a coluna ficará, de sorte que ela não poderá ser elevada a ponto da leitura se estender muito em uma mesma linha ou ser reduzida em demasia, ocasionando a transição de uma linha para outra em curto espaço de tempo. Em qualquer das duas situações, a leitura se torna evasiva. Segundo Collaro (1987, p. 27), "a medida ideal de uma linha de texto é aquela que tem o suficiente para comportar, de uma vez e meia a duas vezes, o alfabeto em caixa baixa do carácter em questão".

Outro componente das discussões sobre diagramação é a orientação das matérias (texto + foto) na página. Se uma página possui matérias diagramadas apenas na vertical, cujo desenho apresenta a base menor do que a altura, temos uma diagramação vertical. O inverso ganha o qualificativo de diagramação horizontal. Por fim, se há conteúdos diagramados na horizontal e na vertical na mesma página, definimos como diagramação modular, sendo esta a mais benéfica ao dinamismo do *design*.

Essa dinâmica da orientação dos textos na página respeita as zonas de visualização, que são seis, segundo Silva (1985): Zona Primária (ao alto à esquerda da página); Zona Secundária (parte inferior à direita); duas Zonas de Visibilidade Morta (alto à direita e a parte inferior à esquerda); Centro Geométrico (centro da página); e Centro Óptico (levemente acima do centro). Erbolato (1981, p. 64) se refere às duas últimas como "Zona de Visibilidade Perigosa".

2.2 EIXO ANALÍTICO

A segunda unidade do conteúdo programático mantém compromisso com os estudos de casos, cujos objetos de análise são jornais e revistas de circulação local (Cuiabá-MT), nacional e internacional. O intuito é identificar os perfis desses periódicos do ponto de vista gráfico, pontuando as suas adesões em relação à tipografia, à escolha de cores e à diagramação.

Na primeira atividade, a exigência é ponderar as escolhas tipográficas relacionadas a elementos textuais da página, tais como vinheta, editoria ou seção, chapéu, título, corpo da matéria, olho, legenda, os quais Erbolato (1981, p. 57) nomeará de "sinais ou signos". Para tanto, os estudantes lançam mão de um caderno de jornal local e um caderno de jornal nacional ou internacional, com o objetivo de encontrar virtudes e impropriedades nas publicações aferidas.

A segunda atividade, também em grupo, toma a revista como objeto de análise. Investigando um texto opinativo e a reportagem de capa, tanto em uma revista nacional como em uma estrangeira, os estudantes avaliam a escolha de cores, com base no círculo cromático e nos vetores de intensidade e proporção. A ponderação leva em conta as limitações naturais e sensitivas da visão, cujo mote é realizar as escolhas de cores sem atentar contra as fronteiras do que é tolerável aos olhos de quem lê.

A terceira atividade congrega jornais e revistas, no sentido de detectar o funcionamento dos artifícios de diagramação em periódicos locais, nacionais e internacionais. A orientação das matérias e da página (horizontal, vertical ou modular), o número

de colunas que forma a grade ou diagrama e a dinâmica de aderir a colunas fixas ou combinadas são requisitos do exercício.

Como mencionado no texto introdutório desta seção, não se trata de eixos estanques em que o início de um se dá a partir da finalização de outro. Neste caso, para cada assunto do eixo teórico abordado, nós propomos um exercício de análise. Com a sala dividida em grupos, os estudantes compreendem a lógica gráfica de cada veículo e, ao final, apresentam as suas impressões ao coletivo, discriminando os sucessos e fracassos das publicações à luz da epistemologia sobre planejamento gráfico. A nosso ver, cada integrante que compõe a comunidade acadêmica tem condições de contribuir para o entendimento do estudo proposto.

Com esta iniciativa, observamos que os discentes ratificam os conceitos revisados no eixo teórico, compreendem o funcionamento das escolhas gráficas em jornais e revistas cuibanos, brasileiros e internacionais, detectando peculiaridades importantes de estilo, e ainda enriquecem o repertório de *design* e diagramação, o qual será exigido nos momentos de criação. "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo" (FREIRE, 2018b, p. 24).

2.2 EIXO PRÁTICO

O eixo prático das disciplinas é dividido em duas fases. A primeira delas consiste em reprodução de modelos, em que o docente estabelece páginas de jornal e de revistas para que os estudantes reproduzam os aspectos de *design* e diagramação. O objetivo desta etapa inicial do campo prático é exercitar os comandos e recursos do *software* de editoração (*Pagemaker* e *Indesign*), uma vez que a ampla maioria da sala chega às disciplinas sem nunca ter tido contato com atividades de diagramação.

A segunda fase se manifesta no trabalho de criação. Isto é, com o domínio dos argumentos teóricos, dos elementos encontrados em revistas e jornais do Brasil e de outros locais do mundo (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália, Grécia, Turquia, Argentina) e dos recursos dos programas de editoração, os estudantes se organizam em duplas ou trios para o desenvolvimento de projetos gráficos.

Este movimento contempla a diagramação de reportagens produzidas em outra disciplina do curso (Reportagem e Entrevista I), a criação do projeto gráfico do jornal laboratorial *Sô Foca*, produto gerado por outro componente da matriz curricular (Jornal-Laboratório) e o experimento que nos interessa neste trabalho, o jornal-mural Vôôôte!, este idealizado, planejado e produzido no âmbito das disciplinas Planejamento Gráfico em Jornalismo e Editoração e Planejamento Gráfico, cada qual com uma edição própria.

2.3.1 Produto laboratorial: Vôôôte!

Na esteira dos eixos teórico e analítico, a unidade prática é inaugurada com a exposição das edições de Vôôôte! produzidas por turmas anteriores, pontuando os elementos textuais e gráficos que devem ser preservados, com vistas à manutenção da identidade do jornal, e as características que podem ser alteradas. Os argumentos gráficos que figuram desde a primeira edição são os recursos textuais do cabeçalho (nome, fonte e tamanho) e a seção “Solta o Verbo”, um espaço que traz três depoimentos que respondem a uma questão elaborada a partir do tema da edição.

Na sequência, vem a escolha do tema da edição e da pauta. Os estudantes sugerem temáticas que ainda não foram abordadas e que dialogam com a realidade da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), além dos recortes que darão origem às notícias, aproveitando conhecimento adquirido em outra disciplina do curso, Redação Jornalística. Ao final das sugestões, coletivamente selecionamos o tema e os quatro enfoques que originarão três notícias e o “Solta o Verbo”.

Consideramos este momento como um dos mais importantes das disciplinas, pois a ocasião viabiliza que os acadêmicos exponham os seus conhecimentos e as suas visões sobre a universidade e os espaços que frequentam. A multiplicidade de olhares busca traduzir os meandros da instituição e as relações humanas que permeiam a ambiência universitária da qual fazem parte gestores, docentes, pesquisadores e estudantes.

O momento seguinte é da formatação de grupos, cada qual esboçando à mão, em um papel A3, o formato do jornal desde a primeira edição, o projeto gráfico do exemplar vindouro. Esta ação pressupõe a definição do diagrama; de que forma as colunas serão combinadas ou mantidas isoladas; quais as cores (intensidade e proporção); os tipos e tamanhos de fontes; posição das fotos e dos olhos. Esta dinâmica de sala de aula, em que todos os acadêmicos participam da elaboração do *design* do jornal, contribui para que perspectivas diversas sejam colocadas em discussão, de modo a catalisar as proposições que, juntas, podem dar sentido gráfico à produção.

Encaminhado o processo de elaboração por parte dos grupos, cada um deles apresenta o seu projeto, detalhando e justificando as escolhas feitas. Ao final, novamente com a sala unificada, nós discutimos cada modelo apresentado, argumentando o que pode figurar na edição da turma e aquilo que deve ser descartado. Com evidência, não é possível suprimir do debate o viés do gosto ou da preferência, mas a busca é sempre pelos elementos que, tecnicamente, são procedentes em um projeto gráfico voltado ao jornalismo. Outra preocupação nossa é agregar à versão final características sugeridas por todos os times, para que a publicação reflita os estudantes que a criaram. Tendo em perspectiva uma pedagogia mais participativa,

É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de *achar* e obstaculiza a exatidão do *achado*. É preciso por outro lado, e sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de *recebedor* da que lhe seja transferida pelo professor. (FREIRE, 2018b, p. 121, grifos do autor)

Neste limiar da disciplina, o contributo ofertado pela experiência é de convergir epistemologia e o resultado das análises de casos na projeção gráfica do jornal, de modo a privilegiar a reflexão sobre o fazer jornalismo, procedimento cada vez mais escasso nas relações profissionais que vigoram fora da universidade. Em específico, a

discussão em torno da edição perpassa todas as etapas do trabalho jornalístico, desde a definição do tema até a distribuição dos exemplares nos murais da instituição.

O primeiro contato com o *software* de editoração (*Pagemaker* ou *Indesign*) ocorre quando o docente das disciplinas projeta em *datashow* o manuseio do programa, já fazendo uso do conteúdo noticioso elaborado pelos estudantes, além do modelo gráfico final estabelecido pela turma. A iniciativa pretende elucidar os principais comandos e recursos dos programas, como configuração do documento (número de páginas e colunas, formato, tamanho, margens), inserção de texto nas colunas, troca de tamanho e tipo de fonte, inclusão de imagens, criação de box (caixa colorida) e uso de cores.

A fase de criação do jornal consiste na reprodução no computador daquilo que foi projetado no papel. Como se trata de uma atividade avaliativa, os estudantes se organizam em dupla ou trio e confeccionam Vôôôte! no *Pagemaker* ou *Indesign*. Na medida em que eles percebem a necessidade de implementar uma mudança, têm autonomia para propor, posto que, em convergência com Freire (2018a, p. 139), "a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação".

O espaço das disciplinas destinado à elaboração do jornal, a nosso ver, chancela as adequações que precisam ser feitas e registra que os estudantes estão atentos às oscilações de percepção que ocorrem no momento em que o jornal migra do papel para a tela. Outra constatação extraída dos seis anos de produção de Vôôôte! é que os discentes imprimem modificações substanciais no processo de confecção do material.

Em geral, as doze edições apelam para fontes da família romana no corpo do texto, entendendo que elas são mais adequadas, em função de seus traços, para dinamizar a atenção do leitor. As fontes da família lapidária aparecem em títulos das notícias, chapéus (quando existem) e olhos, enquanto uma fonte da família egípcia ilustrou duas edições do jornal, destacando as temáticas abordadas em ambos, ou seja, empregando uma fonte com traços regulares a um texto que figura em pequena quantidade.

Do ponto de vista do uso de cores e também da orientação, a edição nº 5 revolucionou a lógica de Vôôôte!, influenciando todas as edições posteriores. Ela fez uso de cores em locais pontuais, apregoando o branco como conceito-chave da publicação. Todas as edições se atentam aos critérios do círculo cromático, relação entre cores quentes e frias e os vetores intensidade e proporção.

Outro destaque a ser feito sobre o número 5 de Vôôôte! é o fato de ter inaugurado a orientação vertical, mudando, portanto, a organização do diagrama. Se antes as sete colunas orientavam a disponibilização dos textos, combinando ou não colunas distintas, a partir da 5ª edição a grade será composta por, no máximo, seis colunas. Em algumas ocasiões, quatro e cinco colunas (Imagem 1) também foram opções.

Imagem 1: Edição nº 7



Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da UFMT cria projetos de apoio emocional para estudantes
Iniciativa surge em virtude da ocorrência de casos extremos
 [anderson luiz_gabriela pires_safira campos]

Após os crescentes casos de depressão e suicídio no campus, a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (Prae) criou os projetos "Lumina" e "Aconche-ga", visando a melhoria e recuperação emocional dos alunos. "O projeto visa colocar à disposição da UFMT os conhecimentos que a gente tem. Então, eu diria que nós unimos o soulo à necessidade da Universidade, sobretudo da perspectiva da Prae", contou

À psicóloga alerta que os primeiros sintomas a serem observados no estudante são: isolamento, apatia, o estudante passa a evitar o contato social e a participação em eventos.

ro e não aceitação da própria imagem. Após um mês de atividades, a frequência dos alunos no projeto tem sido rotativa, e graças à divulgação feita boca a boca, aparecem pessoas com novas situações constantemente. "Semana passada, nós tratamos dois casos pontuais: um manifestou interesse em suicídio e outro estava ainda preso a um trauma de estupro, na idade de oito anos", revelou o coordenador do projeto.

Para psicóloga, jovens não estão preparados para lidar com responsabilidades
Vida acadêmica seria primeiro impacto de independência
 [barbara bach_bianca fujimori tyssia tarsylia]

O professor Antônio Carlos de Oliveira, que lidera o projeto. O "Lumina" é um projeto de extensão que oferece duas atividades: a "Constelação Familiar", voltada para os que têm problemas com relações familiares, sofrem de ansiedade, depressão, vícios e cultivam sentimentos como medo, tristeza sem motivo ou sensação de vazio. A "Híbdanção" atende as pessoas com sensação de solidão, quadro depressivo, medo de fracassar ou do futu-

Brasil é o país com maior índice de transtorno de ansiedade no mundo, segundo pesquisa divulgada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em fevereiro deste ano. Além disso, o país fica entre os cinco maiores índices de depressão.

A realidade de transtornos psicológicos recorrentes não é diferente com os estudantes universitários, como apontou uma pesquisa realizada em 2010 pelo Fórum de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprae) com estudantes das instituições federais de ensino superior brasileiras. O estudo mostrou que quase a metade (47,7%) dos estudantes relataram sofrer alguma dificuldade emocional. "A educação mais libertária criou uma geração meio insegura, com baixa tolerância à frustração, dificuldades de lidar com perdas, com 'nãos' e com responsabilidades", declara a psicóloga Jaqueline dos Santos Javorská, Especialista em Psicoterapia Sistêmica, individual, casal e familiar.

Para Jaqueline, o ambiente universitário não é o único fator responsável pelos transtornos psicológicos nos estudantes. "É sempre um conjunto (de fatores). Em especial alunos que vêm de fora - de outro Estado ou interior - acabam apresentando um sintoma a mais, que é a adaptação, estarem sozinhos", completa.

A psicóloga alerta que os primeiros sintomas a serem observados no estudante são: isolamento, apatia, o estudante passa a evitar o contato social e a participação em eventos, procurando sempre estar sozinho, tornando-se triste, choroso e muito ansioso, além de apresentar queda no rendimento acadêmico. Jaqueline sugere que a melhor forma de ajudar esse estudante é com "grupos de apoio, dinâmicas de grupo, coisas práticas em que um se coloca no lugar do outro". Ela afirma que assim aprenderão a "respeitar o espaço do outro e enxergarão a outra pessoa para além dos problemas e defeitos".



Jaqueline defende que o isolamento é uma barreira a ser rompida. (Foto: Facebook)

UFMT oferece atendimento à comunidade
SPA é vinculado à Psicologia
 [bruna cristina_claudiney vicira vitoria lopes]

Quem frequenta a piscina da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) pode não notar os prédios que existem ao lado, mas um deles tem sido um ambiente de resgate. Trata-se do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), que faz parte da graduação e do programa de pós-graduação de Psicologia da UFMT. O SPA é uma exigência do Ministério da Educação, sendo um espaço para o desenvolvimento da prática acadêmica e promoção da saúde mental.

Segundo Vera Lúcia Blum, psicóloga e coordenadora acadêmica do SPA, o serviço funciona por meio do trabalho de estágio dos alunos de Psicologia do 9º e 10º semestres, no qual realizam o atendimento tanto à comunidade interna da UFMT como à externa, voltado a todas as idades.

Cada professor, dentro de uma abordagem, é responsável por um grupo de 4 a 5 alunos, supervisionando e orientando o atendimento, que é realizado uma vez por semana. Vera Lúcia destaca que, por se tratar de um serviço público, a fila de espera para o atendimento é inevitável. "Não existe um processo de triagem, mas algumas pessoas necessitam de um atendimento mais imediato. Então, realizamos a escuta inicial", explica a psicóloga.

Para receber o atendimento no SPA, a aluna Catarina Sivieri Schlichka explica que o interessado tem que se inscrever na recepção. De acordo com seu quadro, será escolhida uma das abordagens psicológicas oferecidas: psicanalítica, sociohistórica, cognitiva comportamental, analítica experimental do comportamento e a centrada na pessoa. A questão das relações humanas é o que impulsiona a procura pelo serviço. "Convivemos em meio a outros humanos, e eles nos trazem grandes alegrias, mas também podem nos trazer grandes tristezas", conclui.

solta o verbo!
 [diálogos de quem sai de casa]

“Já pensei em desistir por conta das notas baixas. Passei por um relacionamento abusivo, dificuldades financeiras e problemas na família. Sempre cogitei a hipótese [de desistir], principalmente pela saudade da família.”
 [ALAN RODRIGO] [SISITEMAS DE INFORMÁTICA]

“Sinto mais pressão pelo fato de estar longe de casa e gastando dinheiro dos meus pais. Pensei em desistir por alguns motivos, como saudade da família, notas ruins em algumas disciplinas, baixa autoestima.”
 [BRUNO SETTE] [CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO]

“Já passei por alguns ‘perrengues’, principalmente quando uma amiga se matou. Foi meu período mais tenso aqui. Vontade de voltar para casa não cheguei a ter, mas acho que foi justamente pela pressão de não poder fracassar.”
 [HALLEFF OLIVEIRA] [JONATHAS GABETEL]

Fonte: Autor (2017)

Em mais de cinco anos de existência do periódico, os temas não se repetiram. Na ordem, eles foram os seguintes: Alcar Centro-Oeste; Intercâmbios; Cultura; Esporte e Lazer; Movimentos Sociais; Festas; Saúde Mental; População Felina; Violência; Alimentação; História; e Ciência, denotando a riqueza de acontecimentos e abordagens que a universidade expõe. Todas as abordagens tiveram como pano de fundo o contexto da UFMT, trazendo como fontes membros da comunidade acadêmica (docentes

e estudantes) e da sociedade civil. Assim, além dos temas não se esgotarem, o arcabouço de fontes é consideravelmente amplo.

Em relação aos formatos jornalísticos, o jornal manteve um padrão até a décima edição: três notícias e a seção de depoimentos chamada "Solta o Verbo". A 11ª edição (Imagem 2), além dos quatro textos, apresentou uma nova seção denominada "Ixpia"²², a abordar, em formato de nota, um assunto relacionado ao tema. O "Ixpia" é exclusividade da 11ª edição. Já a 12ª, a mais recente trouxe duas novidades em relação aos formatos: uma charge e uma seção de entrevista, reduzindo as notícias para duas e mantendo o "Solta o Verbo", seção que apareceu em todas as edições do jornal.

²² "Ixpia" (imperativo do verbo 'espionar') é outra expressão do linguajar cuiabano, que costuma pronunciar o 's' que termina a primeira sílaba tal como os cariocas, com som de 'x'.

Imagem 2: Edição nº 11

VÔÔÔTE!

Jornal-mural produzido pelos estudantes da disciplina de Planejamento Gráfico em Jornalismo da UFMT [Cuiabá]

fevereiro 2020 | edição 11 | 5º semestre jornalismo | ufmt cuiabá

História da UFMT

Primeiro CA de MT completa 40 anos

Centro Acadêmico da Agronomia foi o primeiro da UFMT e inaugurou o movimento estudantil em MT

[Davi Vittorazzi | Flavio Amorim | Rodrigo Costa | Natalia Veloso]

Em 2020, o Centro Acadêmico de Agronomia (CAA) completa 40 anos. A primeira gestão foi presidida pelo atual engenheiro agrônomo, professor e pesquisador, Aécio Nunes Domingos. Cinco anos depois da fundação do curso de Agronomia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o CA foi pioneiro na mobilização estudantil em Mato Grosso.



Segundo o professor e ex-aluno, formado em 1979 na UFMT, João Carlos de Souza Maia, a Atlética foi precursora do CA na Universidade. Este movimento inicial possibilitou a articulação dos estudantes para a construção do Centro Acadêmico, em tempos de ditadura. “Conseguimos articular os estudantes, criar uma força muito grande na defesa do esporte e lazer, dos movimentos reivindicatórios, como a criação do RU, mais laboratórios para o curso, melhoria da Fazenda Experimental”, comenta Maia.

Para Lucas Mendes, presidente da gestão atual, o CA da Agronomia impulsionou a criação de demais CAs no Estado. Ele considera que este protagonismo possui “uma responsabilidade grande de estar à frente representando um curso com tradição e história”.

O Centro Acadêmico enfrenta dificuldades em preservar sua história. A Direção da Faculdade de Agronomia e Zootecnia (Faaz) também não guarda nenhum acervo que relate sobre o movimento estudantil. Assim, a história do CAA se mantém na memória daqueles construíram e atuam no Centro Acadêmico de Agronomia. ☹

UFMT beneficia sociedade mato-grossense

A instituição de ensino superior, que celebra meio século este ano, forma profissionais, oferece serviços à comunidade externa e movimenta o comércio local

[Izabelle Borges | Juliana Cargnelutti | Carolina Andreani | Caroline Mesquita]

Em 50 anos, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) se estendeu para além dos seus muros, impactando acadêmicos, comerciantes e a população da baixada cuiabana.

O jornalista Vladimir Cargnelutti, que se formou na UFMT em 1998, conta que trabalhava no extinto Banco do Estado de Mato Grosso no período noturno. “A instituição [UFMT], apesar das dificuldades, ofereceu os meios necessários para que eu pudesse concluir o curso, seja o suporte da biblioteca, do Restaurante e atividades físicas e culturais”.

No mesmo ano em que Vladimir se formou, Everson Andrade chegou do interior com seu ‘baguinchinha’, que, ainda hoje, encontra-se na Rua

Comunicação Social comemora 30 anos

O processo de implementação do curso, que em dezembro festeja sua terceira década, iniciou em 1983

[Lays Ávila | Luísa Rodrigues | Camilla Rondon]

A criação do Curso de Comunicação Social foi em 1990, mas a luta começou bem antes, no ano de 1983, com a proposta formulada pelo Sindicato dos Jornalistas durante a realização da II Semana de Propaganda de Mato Grosso.

O então reitor Benedito Pedro Dorileo determinou a organização de um grupo de trabalho, com a participação de três docentes e dois profissionais da imprensa. Entretanto, a conclusão do projeto final ocorreu somente em 1984 e foi encaminhado ao Ministério da Educação (MEC) no ano seguinte, porém sem qualquer tipo de manifestação.

Em 1989, o jornalista José Eduardo do Espírito Santo sugeriu ao reitor Augusto Frederico Muller Júnior a reativação do processo de criação do curso para a implantação imediata.

Após anos de esforços somados, a implantação do Curso de Comunicação Social ocorreu em dezembro de 1990, com a primeira turma ingressante iniciando os estudos em 1991.

O projeto trazia números consideráveis para que a criação do curso fosse concretizada: dez emissoras de rádio, duas de televisão e uma TV educativa; quatro jornais diários, mais de 20 agências de publicidade somente em Cuiabá, cujo mercado total empregava mais de 400 profissionais.

Após anos de esforços somados, a implantação do Curso de Comunicação Social ocorreu em dezembro de 1990, com a primeira turma ingressante iniciando os estudos em 1991. As habilitações que compuseram os cursos foram Jornalismo: Publicidade e Propaganda; e Radialismo. À época, eram oferecidas 45 vagas por semestre, sendo 90 vagas por ano, ou seja, 30 vagas por habilitação. ☹



Um do bairro Boa Esperança. O comércio é a única fonte de renda da família e foi o que, junto com o esforço do pai, garantiu os estudos dos filhos.

Dentre os vários serviços oferecidos pela UFMT, está o Hospital Universitário Júlio Müller (HUJM), que é administrado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERR).

ixpia!

[Camilla Rondon]

IRREGULARIDADE NO RU

Funcionário é demitido após a Controladoria Geral da União (CGU) identificar pagamento duplicado em prol da empresa terceirizada “Novo Sabor”, que oferece alimento no Restaurante Universitário (RU).

SOLTA O VERBO!

[gerações de graduandos]

“A UFMT foi um marco entre a minha adolescência e a definição dos próximos passos profissionais. Foi essencial para abrir a minha mente, para me fazer pensar de uma forma mais analítica. Eu tenho enorme gratidão pelos professores que me acompanharam”

[Luzimer Collares | Jornalismo 1994]

“Me lembro bem de sofrer nas provas, trabalhos, seminários, e de comemorar ter passado nas matérias. Mas aqui também foi onde cresci como pessoa, conheci amigos que carregou pra vida. Amadureci nas relações pessoais e aprendi a me relacionar comigo mesmo e com o mundo”

[Ramon Pires | Eng. Civil | 2014]

“Tive a oportunidade de conhecer professores, colegas, funcionários e outros profissionais que ampliaram as minhas visões política e cultural. Durante a graduação, fui diagnosticada com câncer e continuei indo às aulas sem sofrer preconceito por estar carcaça”

[Beluci Bianca | Enfermagem 2009]

PENSA QUE ACABOU, xômano?

Utilizando o QR Code, acesse o nosso perfil no Instagram, que estende o conteúdo da versão impressa.

SUPERVISÃO
Thiago Cury Luiz

Fonte: Autor (2020)

Por fim, do ponto de vista da narrativa implementada pelo jornal, ela foi a mesma nas nove primeiras edições, limitando-se ao conteúdo impresso. A partir da 10ª edição (Imagem 3), o jornal ganhou uma versão transmídia, com a criação do perfil de Vôôôte! no *Instagram*. Ele tratou de publicar detalhes das edições retratadas, trazendo, inclusive, na última edição os bastidores da produção do veículo. Para acessar o perfil, a edição impressa traz um *QR Code*, que permite acesso direto ao conteúdo

do Instagram. De acordo com Jenkins (2009, p. 138), “uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distintiva e valiosa para o todo”.

Imagem 3: Edição nº 10

Vôôô!
Alimentação na UFMT

Jornal multiplataforma produzido por estudantes da disciplina de Editoração e Planejamento Gráfico
Novembro/2019 Edição 10 3º semestre de Jornalismo UFMT Curitiba

Instagram icon: **JORNALVOTE**

Faça a leitura desta tag para seguir o nosso perfil no Instagram.

Aumento do preço do RU afeta a permanência dos estudantes na UFMT
A evasão é um dos grandes problemas enfrentados pelas instituições de ensino superior
[Khayo Ribeiro, Isadora Dias]

Dez meses após o aumento (de R\$ 1 para R\$ 2,50) no preço das refeições no Restaurante Universitário (RU), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), estudantes de baixa renda apontam que a nova política pode provocar um processo de evasão do ambiente acadêmico. “O valor é um problema sério, pois muitos estudantes geralmente dependem unicamente do RU e do auxílio para se manterem. As bolsas têm um valor baixo, portanto, o preço deveria condizer com um valor mais acessível a quem necessita”, afirma a mestrande em Educação, Gabriella Moura da Silva, que é afetada pela medida porque é bolsista da UFMT e, assim, não pode manter vínculos trabalhistas.

SOLTA O VERBO!
[Sarah Mendes, Yasmin Tavares]
Empreendedorismo estudantil

Apesar da universidade ser pública, ainda têm vários custos. Então, eu vendo docinhos [pão de mel] para me sustentar, para pagar minha alimentação no RU e a passagem de ônibus, porque eu moro em Várzea Grande
— **Kelthyllen Nunes**
[Eng. Sanitária e Ambiental]

Eu sou de Salvador e faço um curso integral na UFMT. Vender [brigadeiro de cacau] é uma forma de ajudar um pouco em casa e continuar os estudos. Eu me preocupo em vender algo barato, acessível e de qualidade
— **Bianca Gontijo**
[Arquitetura e Urbanismo]

Comceei a vender bolo de pote para dar visibilidade à minha avó, que faz bolos para aniversários. Com a renda, consigo me sustentar na UFMT, porque estudo o dia inteiro e não tenho como trabalhar
— **Bruno Mateus**
[Biologia]

Cerca de 89% dos universitários foram vítimas de intoxicação alimentar no RU
Pesquisa realizada aponta que alunos já tiveram pelo menos uma experiência negativa com o restaurante
[Amanda Caroga, Karine Arruda]

Presente na vida de boa parte dos alunos, o RU acaba sendo uma das poucas alternativas de alimentação no campus. Por isso, realizamos uma pesquisa para compreender como os estudantes lidam com o serviço fornecido pela Universidade. Dos 97 estudantes entrevistados da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cerca de 89,1% já sofreram intoxicação alimentar devido ao consumo de alimentos fornecidos pelo Restaurante Universitário (RU). Dentre os entrevistados, 89,7% frequentam o Restaurante três vezes por semana ou mais, enquanto 10,3% não vão de forma alguma. Dentre os frequentadores, 70,3% disseram que, se pudessem, melhorariam a qualidade, o preço e o cardápio fornecidos na Instituição.

Alimentação na UFMT

Item	Porcentagem
Frequentam o RU	89,7%
Valor = Qualidade	70,3%
Intoxicação	89,1%

Conforme um dos entrevistados, que preferiu não se identificar, existe a substituição pelas cantinas. Porém, o preço excessivo não permite que o consumo seja frequente. “A comida do RU quase sempre me deixa com dor de estômago. Nas cantinas, o maior problema é o preço, elas são muito caras. Mas, pela falta de tempo, não rola comer em outro lugar”, relatou.

Opções vegetarianas são raras nas cantinas da Universidade
Consumidores da Facc e IE alegam descontentamento com variedade dos alimentos e avaliam o atendimento dos refeitórios como ruim
[Giovana Giraldelli, Juliano Patrick]

Em se tratando da alimentação dos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), inúmeros fatores devem ser considerados. Um deles, além do sucateamento do Restaurante Universitário (RU) e do preço cobrado pelas cantinas, é a falta de opções vegetariaianas dentro do campus. A situação se confir-

ma ao olhar a vitrine de lanches oferecidos nas cantinas da Universidade, pois a maioria dos salgadinhos contém carne. Enquanto isso, as opções vegetarianas ou veganas, quando existem, são vendidas a um preço muito mais alto. Segundo alunos da Facc (Faculdade de Administração e Ciências Contábeis) e do IF (Instituto de Educação), os universitários consideram “insatisfatório” o atendimento das cantinas quanto às restrições alimentares e “regular” a variedade de alimentos.

Outro lado
De acordo com Adriana Paula, administradora do estabelecimento da Facc, existe o interesse de melhorar o serviço pres-

tado, mas muitas críticas não chegam a ser reportadas, e, por isso, planeja providenciar uma caixa de críticas e sugestões. “Uma das maiores dificuldades enfrentadas nesses anos foi a instabilidade da UFMT, referente às greves e paralisações”, afirmou. Em termos de espaço, as cantinas universitárias variam entre si. Conforme as respostas ouvidas, a cantina da Facc se sobressai em relação à do IE. Quanto à estrutura de alimentação disponível à comunidade acadêmica, a UFMT conta com sete cantinas em funcionamento, além do Restaurante Universitário (RU), localizado entre o Ginásio de Educação Física e a Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (Faet).

Fonte: Autor (2019)

Mais do que a introdução, em tempos mais recente, de novos formatos jornalísticos, como entrevista e charge, e das mudanças na orientação e no diagrama de uma edição para outra, a implementação da narrativa transmídia, em 2019, proposta pela primeira turma do curso novo, sugere que a nova matriz curricular prepara o es-

tudante em sintonia com a comunicação multifacetada dos dias atuais. A visão de conjugar suportes distintos objetivando uma mesma publicação fica evidente justamente em uma edição produzida em um período mais inicial do curso, o 3º semestre.

Para o processo de impressão, o jornal é enviado à Gráfica Universitária, que providencia 100 exemplares, de forma gratuita, do jornal-mural em formato A3, colorido e papel *couché*. Com os exemplares em mãos, os estudantes se organizam em grupos para realizar a afixação nos murais da UFMT, em uma tentativa de contemplar as áreas comuns de institutos e faculdades e os locais de maior movimento, como Restaurante Universitário (RU), Diretório Central de Estudantes (DCE), Biblioteca e Teatro. Cada discente fica com um exemplar, visando compor o seu portfólio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em tela buscou produzir um relato acerca da nossa experiência em duas disciplinas dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo e Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT): Planejamento Gráfico em Jornalismo (Turma: 5º semestre) e Editoração e Planejamento Gráfico (Turma: 3º semestre), respectivamente. O produto gerado nos dois componentes curriculares é o jornal-mural Vôôôte!, experimento confeccionado deste 2014 e que contabiliza 12 edições.

Ambas as disciplinas são divididas em três eixos: teórico, analítico e prático. Os dois primeiros se alternam no terço inicial do semestre, pressupondo uma atividade de estudo de caso para cada tópico epistemológico debatido. A proposta é ter um caderno de jornal local e um caderno de jornal nacional ou internacional para o desenvolvimento da atividade comparativa sobre tipografia; um artigo de opinião e a reportagem de capa de uma revista voltados para o exercício sobre uso de cores, além de jornais e revistas para o entendimento sobre diagramação.

A terceira unidade, de natureza laboratorial, pretende compreender se o arcabouço de experiências e conceitos das unidades anteriores são compatíveis com a dimensão prática das disciplinas. Nesta etapa, os estudantes se familiarizam com o programa de editoração (*Pagemaker* e *Indesign*), reproduzindo modelos existentes, em um primeiro momento, e criando projetos jornalísticos, como reportagens (interdisciplinaridade com Reportagem e Entrevista I), jornal *Sô Foca* (interdisciplinaridade com Jornal-Laboratório) e o experimento das próprias disciplinas, o jornal-mural Vôôôte!, objeto deste relato.

Nesse aspecto, a dúvida que motivou este relato foi: o trabalho colaborativo e a concepção pedagógica dialógica e democrática tornam mais factível a elaboração de um produto jornalístico que cumpra o seu papel de informar e, ao mesmo tempo, represente os anseios de quem o elabora? A nossa experiência demonstra que as disciplinas são forjadas de modo a fazer dos seus integrantes participantes constantes do desenvolvimento do conteúdo programático, bem como do periódico que é resultado de estudos, análises e empirismos, ratificando, portanto, as nossas hipóteses.

Verificamos que, ao longo de todo o percurso das disciplinas, os discentes têm participação destacável, construindo com o professor as bases conceituais, analíticas e

empíricas do planejamento gráfico. A epistemologia, assim, é contextualizada aos estudos de casos e à produção do periódico, havendo a mesma integração entre os eixos analítico e laboratorial, atestando que, embora haja unidades que discriminam o percurso das disciplinas, elas não se materializam de forma estanque.

Em relação ao jornal-mural, observando o percurso em perspectiva, identificamos que é meticuloso o trabalho de compreensão dos jornais e revistas estudados à luz da epistemologia sobre *design* e diagramação. Esses entendimentos também são estendidos às produções jornalísticas, sendo sensíveis as evoluções gráficas de uma edição para a outra do jornal-mural.

Este avanço se consolida, a nosso ver, pelo fato da disciplina estar centrada na pedagogia dialógica e democrática, avessa a hierarquias, que permite ao olhar de cada geração de estudantes imputar ao experimento as suas percepções, sempre com base nas referências bibliográficas. Se a lógica de condução da disciplina estiver a cabo, unilateralmente, do professor, possivelmente não haveria distinções significativas entre as edições de Vôôôte!, uma vez que as imposições interditam o diálogo e o trânsito de ideias. Este vetor confirma a natureza freireana das duas disciplinas e atesta a sua relevância para a confecção do jornal-mural.

Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isso que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como novo saber. (FREIRE, 2013, p. 57-58)

149

Esta é uma característica observável durante a discussão epistemológica; nos estudos de caso e na exposição das percepções referentes às análises; nas sugestões de tema, reunião de pauta e a consolidação do projeto gráfico; além da produção do jornal (textos e diagramação), atividade realizada em dupla ou trio, com troca de saberes entre os estudantes e docente.

Esperamos que com esta produção nós consigamos abrir diálogo com outras experiências de natureza similar, que agreguem alguns valores trazidos aqui e, em troca, ofereçam contributos para edições futuras de Vôôôte!. O nosso anseio é que o jornal continue servindo de laboratório para futuros jornalistas, tanto do ponto de vista redacional, como de projeção gráfica, o papel precípua das disciplinas relacionadas a *design* e diagramação. De quebra, que o periódico continue se inserindo no contexto da universidade e até fora dela como plataforma de informação, tanto nos murais de órgãos e instituições quanto nas telas dos celulares.

REFERÊNCIAS

- COLLARO, Antonio C. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- _____. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Summus, 1987.
- DUARTE, Márcia Y. M. Estudo de Caso. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo gráfico: técnicas de produção**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 44.ed. Rio de Janeiro, 2018a.
- _____. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosiska Darcy de Oliveira. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARCHIORI, Marlene. Os desafios da comunicação interna nas organizações. **Conexão – comunicação e cultura**, USC, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 145-159, jan./jun. 2010.
- SILVA, Rafael S. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Summus, 1985.
- WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis, 1995.